



# **SANTA CEIA: UMA DAS MAIS SIGNIFICATIVAS CONTROVÉRSIAS ENTRE OS REFORMADORES LUTERO, ZWÍNGLIO E CALVINO**

## **SUPPER SAINT: ONE OF THE MOST SIGNIFICANT CONTROVERSIES BETWEEN THE REFORMERS LUTERO, ZWÍNGLIO AND CALVIN**

### **Edson Pereira Lopes**

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente do Programa do Mestrado de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Líder do grupo “Práxis religiosa: educação e sociedade”.

E-mail: *enlopes@mackenzista.com.br*

### **Janiere Villaça da Cunha Fernandes**

Graduanda em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. O presente artigo é resultado do grupo de pesquisa “Práxis religiosa, educação e sociedade” e do Programa de Iniciação Científica da Universidade Presbiteriana Mackenzie/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (UPM-CNPq).

E-mail: *rivojane@terra.com.br*

---

## RESUMO

A Reforma Protestante do século XVI foi um dos acontecimentos que marcaram a história da Igreja, a ponto de dividir o cristianismo ocidental entre católicos e protestantes. Não muito tempo depois, houve uma temática que causou o primeiro grande cisma entre os próprios reformadores e seus seguidores. Com base nessa perspectiva, o presente artigo objetiva compreender a visão dos líderes da Reforma – Martinho Lutero, Ulrich Zwinglio e João Calvino – a respeito do sacramento da Santa Ceia, com a finalidade de identificar a repercussão da controvérsia em cinco igrejas evangélicas da atualidade.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Sacramento; Santa Ceia; Reformadores; Controvérsia; Igrejas evangélicas.

---

## ABSTRACT

The Protestant Reformation of XVI century was one of the events that marked the Church history, sharing Occidental Christianity between Catholics and Protestants. Thereafter there was a topic that caused the first great schism between own reformers and their followers. From this perspective this article intends to comprehend Reformation leader's vision – Martin Luther, Ulrich Zwingli and John Calvin – regarding Lord's Supper sacrament, with the goal to identify the contest's repercussion in five evangelical churches of the present time.

---

## KEYWORDS

Sacrament; The Last Supper; Reformers; Controversy; Evangelical churches.

# 1. INTRODUÇÃO

---

No estudo da história da cristandade, um dos assuntos que geraram inúmeras discussões refere-se aos sacramentos, por não haver unanimidade quanto ao número, que variou de cinco a trinta. Segundo Berkhof (1992, p. 217-218), Pedro Lombardo foi quem primeiro nomeou o batismo, a confirmação, a eucaristia, a penitência, as ordens sacras, o matrimônio e a extrema-unção como sacramentos que foram aceitos e adotados pela cristandade, a partir de 1439, no Concílio de Florença.

A discussão em torno dos sacramentos se intensificou no período da Reforma do século XVI, e a maior parte dos reformadores aceitou como sacramentos apenas dois dos sete reconhecidos pelo cristianismo daqueles dias: o batismo e a eucaristia e a Ceia do Senhor. Com o passar dos anos, começaram a surgir entre os reformadores divergências que envolviam os sacramentos, sobretudo em torno da Santa Ceia do Senhor, que resultaram na tomada de posições distintas entre si de Lutero, Zwinglio e Calvino. Lienhard (1998, p.183) pontua a importância da controvérsia quanto a Ceia do Senhor da seguinte maneira:

[...] havia divergências com respeito à ceia, em particular sobre a maneira de compreender a presença de Jesus Cristo [...]. Esse foi, incontestavelmente, o debate intraprotestante mais importante do século XVI.

Observa-se que essa controvérsia resultou num cisma entre os reformadores, daí Fisher (1992, p. 218) afirmar:

A controvérsia em torno da Santa Ceia foi o mais longo e mais grave dos conflitos que eclodiram entre os seguidores da Reforma evangélica [...]. Apesar de todos os esforços, jamais foi possível restabelecê-la.

Sob a perspectiva da controvérsia, o objetivo deste artigo é identificar as similaridades e as diferenças teológicas existentes entre a visão de Lutero, Zwinglio e Calvino concernente à Santa Ceia, bem como as implicações dessa controvérsia

no período da Reforma e na Igreja Evangélica da atualidade. Para isso, foi necessário, num primeiro momento, compreender o significado de sacramento; após isso, identificar a concepção de Lutero, Zwinglio e Calvino quanto à Santa Ceia; e, por fim, demonstrar as implicações das controvérsias dos citados reformadores concernentes à Ceia do Senhor nas igrejas evangélicas da atualidade.

## 2. BREVE COMENTÁRIO HISTÓRICO DO TERMO “SACRAMENTO”

---

O termo sacramento não aparece no texto bíblico, entretanto seu conteúdo pode ser percebido nas mais diferentes passagens da Bíblia. Douglas (1995, p. 1434) afirma que a definição mais comum de sacramento é a de um sinal externo e visível, ordenado por Cristo, que estabelece e promete bênçãos internas e espirituais. Douglas parece se fundamentar nas palavras de Agostinho, as quais são citadas por Ferreira (2006a, p. 193): “une-se a palavra ao elemento, e acontece o sacramento”. Com parecer semelhante, Berardino (2002, p. 1244) pontua que Agostinho definia sacramento como um sinal visível ou sensível de algo sagrado.

É com base nessa perspectiva que Tillich (2007, p. 163) assinala que essa temática passou a ser uma das principais discussões da Igreja Medieval, sobretudo quanto à presença divina nos sacramentos. A reflexão relativa à presença divina nos sacramentos, principalmente na eucaristia, pode ser percebida na concepção da transubstanciação, advogada até a atualidade pela Igreja Católica Romana. A transubstanciação ocorre no momento da consagração, quando o pão e o vinho são transformados literalmente no corpo e no sangue de Cristo (AMBRÓSIO DE MILÃO, 1996, p. 56).

Essa crença parece ter sua origem nas palavras de Inácio de Antioquia (1984, p. 80), em sua carta aos Esmirnenses, quando afirma: “A Eucaristia é a carne de nosso Salvador Jesus Cristo, que padeceu por nossos pecados, e que o Pai, em Sua bondade, ressuscitou”. Justino de Roma (1995, p. 82), quanto à Ceia ou Eucaristia, afirmou:

Não tomamos essas coisas como pão comum ou bebida ordinária, mas da maneira como Jesus Cristo, nosso Salvador, feito carne por força do Verbo de Deus, teve carne e sangue por nossa salvação, assim também nos ensinou que, por virtude da oração ao Verbo que procede de Deus, o alimento com o qual, por transformação, se nutrem nosso sangue e nossa carne – é a carne e sangue daquele mesmo Jesus encarnado.

Segundo Klein (2005, p. 28), em meados do século IX ocorreu uma importante controvérsia eucarística na história da Igreja. Em 818 d.C., o monge do mosteiro de Corbie, Pascásio Radbert, escreveu o tratado *Sobre o corpo e o sangue do Senhor*, no qual ensinava que ocorria um milagre ao serem pronunciadas as palavras de celebração da Ceia, isto é, os elementos eram transformados no próprio corpo e sangue de Cristo. Todavia, essas idéias foram rebatidas por Rabano Maurer e Ratramno de Corbie que defendiam a presença espiritual de Cristo na Ceia.

Em meados do século XI, Berengário de Tours sustentava que *totus Christus* (Cristo inteiro) era dado espiritualmente ao crente e rejeitava a idéia de quaisquer transformações. Para ele, conforme pontua Klein (2005, p. 29), os elementos são *signas* (sinais) do recebimento de Cristo e não há mudança nas substâncias, mas eles se tornam em “sacramentos” e meios de graça. Todavia, a teologia sacramental de Berengário foi condenada em 1050 e em 1059 em dois sínodos realizados em Roma. No último deles, segundo Berkhof (1992, p. 226), o cardeal Humberto declara que o próprio corpo de Cristo era verdadeiramente seguro na mão do sacerdote, quebrado e mastigado pelos dentes dos fiéis. Estava aberto o caminho para que o IV Concílio de Latrão, em 1215, oficializasse a doutrina da transubstanciação. Nesse contexto, são relevantes as palavras de Klein (2005, p. 30), ao citar Denzinger, por trazer o relato constante no capítulo I *Da fé católica*, desenvolvida no citado Concílio:

E uma só é a Igreja universal dos fiéis [...] e nela o mesmo sacerdote é sacrifício, Jesus Cristo, cujo corpo e sangue se contém [sic] verdadeiramente no sacramento do altar sob as espécies do pão e vinho, depois de transubstanciados, por virtude divina, o pão no corpo e o vinho no sangue, a fim de que, para

completar o mistério da unidade, recebamos nós o que é seu o que Ele recebeu do que é nosso.

Preocupados com os avanços do protestantismo e com a perda dos fiéis, bispos e papas reúnem-se na cidade italiana de Trento em 1545-1563, com a finalidade de reagir contra a fé protestante. Sobre a questão da presença de Cristo na eucaristia, Berkhof (1992, p. 226) apresenta um resumo da Sessão XIII, escrita em 15 de julho de 1563, que acentua a crença católica romana nos seguintes termos:

Jesus Cristo está verdadeira, real e substancialmente presente no santo sacramento. [...] podemos não saber explicar como, mas podemos conceber da possibilidade da Sua substancial e sacramental presença em vários lugares simultaneamente. Pelas palavras da consagração, a substância inteira do pão e do vinho é transformada no corpo e no sangue de Cristo. [...] Os efeitos principais do sacramento são: “aumento da graça santificadora, graças especiais e reais, remissão de pecados veniais, preservação de pecado grave (mortal) e a confiante esperança da salvação eterna”.

O pré-reformador inglês John Wyclif (1324-1384), condenado como herege no concílio de Constança (1415-1418), mas para quem a Bíblia era a única regra de fé, não admitia a doutrina da transubstanciação. Para fundamentar sua afirmação, Klein (2005, p. 32) descreve três pressupostos de Wyclif relativas à Ceia do Senhor:

1. Que a substância material do pão e a substância material do vinho permanecem no sacramento do altar.
2. Que os acidentes do pão não permanecem sem um substrato (substância) no dito sacramento.
3. Que Cristo não está neste sacramento essencial e realmente com sua presença corporal.

Com base nessas palavras, Klein (2005, p. 32) afirmou: “[...] quanto à chamada presença real de Cristo na Ceia do Senhor, Wyclif antecipa, de certa maneira, a interpretação que posteriormente foi desenvolvida por Martinho Lutero”. A seguir, abordar-se-á, com base em Lutero, o significado da Santa Ceia no pensamento protestante, especificamente Lutero, Zwinglio e Calvino.

### 3. O SIGNIFICADO DE SANTA CEIA NO PENSAMENTO DE LUTERO, ZWÍNGLIO E CALVINO

---

De acordo com Berkhof (1992, p. 227), observam-se princípios comuns entre os reformadores em epígrafe na tratativa da Santa Ceia: a rejeição da doutrina da transubstanciação e que tanto o vinho como o pão deveriam ser servido para todos os cristãos segundo a ordem divina “Bebei dele todos” (Mateus 26:27; Marcos 14:23).

Isso posto, é necessário focar o significado de Santa Ceia no pensamento de Lutero. Para Lutero (1987, p. 401,413), “sacramento” é somente aquilo que foi expressamente instituído por Cristo, ao que confere promessa de perdão e com a qual deve ser despertada a fé. Em sua concepção, a Palavra e o sacramento formam o centro da fonte de toda a vida, sem o qual não pode haver fé salvadora. Num primeiro momento, Lutero (1987, p. 401) parecia considerar a penitência um sacramento, porém, segundo George (1993, p. 93), em *O cativo babilônico da Igreja* (1520) Lutero (1989, p. 342) atacou o sistema sacramental da Igreja Medieval e reconheceu a autenticidade de apenas dois sacramentos: o batismo e a Ceia.

No estudo sobre o pensamento de Lutero relativo à Santa Ceia, observa-se que, para ele, esse sacramento era um dos assuntos centrais para a vida do cristão, porque permitia ao fiel participar verdadeira e literalmente do corpo de Cristo, segundo assinala o *Catecismo menor* de Lutero (1967, p. 18) ao definir sacramento: “É o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo para ser comida e bebida, sob o pão e o vinho, por nós cristãos, como Cristo mesmo o instituiu”.

Diferia, entretanto, da transubstanciação, uma vez que o pão continuava a ser pão e o vinho continuava a ser vinho. Nesse contexto, é mister ressaltar que o termo “consustanciação” atribuído a Lutero não fora utilizado por ele, mas não se pode negar que tal termo resultou do seu pensamento. Daí a afirmação de Woortmann (1997, p. 89):

O ponto de vista de Lutero distinguia-se do católico, mas retinha um componente central da concepção tradicional. (...) Para Lutero ao invés de transubstanciação, ocorre a consustancia-

ção, ou seja, a união de dois corpos na mesma substância, mantendo a presença de Cristo na Eucaristia: o rito sagrado corporificava o real e verdadeiro ponto de inserção, ou “consubstanciação” da divindade no mundo profano; por isso, era eficaz .

Um opositor ao pensamento de Lutero acerca da Santa Ceia foi Zwinglio, que também entendia tratar a Ceia como a essência do Evangelho. Tanto para Zwinglio como para Lutero, esta não era uma questão de matéria secundária, daí a afirmação de Zwinglio citada por Gonzalez (2004, p. 84): “pois eu temo que se há um erro pernicioso na adoração e veneração do único Deus verdadeiro, ele está no abuso da Eucaristia”.

Zwinglio, segundo Gonzales (1995, p. 95), concebia que os elementos materiais da Ceia não eram mais que símbolos ou sinais da realidade espiritual. Com a mesma perspectiva, Tillich (2007, p. 257) pontua que, para Zwinglio, os sacramentos eram:

[...] sinal seguro ou selo que, como qualquer símbolo, serve para nos despertar a memória; ao participar no sacramento expressamos nossa vontade de pertencer à igreja. O Espírito divino age ao lado dos sacramentos e não por meio deles.

Lienhard (1998, p. 185) comenta sobre a visão de Zwinglio sobre os sacramentos:

Esses sacramentos não teriam nenhuma significação naquilo que concerne à libertação das consciências, porque somente Deus pode libertá-las. Os elementos materiais, tais como a água, não poderiam desempenhar um papel nesse processo de purificação, no qual unicamente Deus estaria agindo. A fé não teria, além disso, necessidade de elementos exteriores para afirmar a sua certeza. Ela a possui em si mesma. “Alimentar-se de Cristo, pão do céu”, significaria, segundo João 6, crer no evangelho.

Klein (2005, p. 44), ao comentar a verdadeira e a falsa religião, afirma que, para Zwinglio, se a sua fé não for absoluta em si mesmo, a ponto de precisar de sinais e cerimônias para existir, então não é fé. Está explicado por que Zwinglio acreditava que a Ceia era apenas um símbolo externo da comunhão interna de todos os crentes em Cristo.



Erichson (1997, p. 470-471), em citação a Strong, afirma que Zwinglio destaca a Ceia do Senhor como:

Um sacramento para lembrar a morte de Cristo e sua eficácia em favor do crente. Assim, a Ceia do Senhor é, em essência, uma comemoração da morte de Cristo. O valor do sacramento está simplesmente em receber pela fé os benefícios da morte de Cristo. Assim, o efeito da Ceia do Senhor não é diferente em natureza, digamos, um efeito de um sermão. Ambos são modalidades de proclamação. Em ambos os casos, como em todas as proclamações, existem a essencialidade absoluta da fé, para que se possa obter algum benefício. Podemos dizer, portanto, que não se trata tanto do sacramento trazer Cristo ao comungante, mas da fé do crente trazer Cristo para o sacramento.

Para Berkhof (1990, p. 659), fica evidente que o desejo de Zwinglio era extirpar da doutrina da Ceia do Senhor todo misticismo incompreensível. Segundo Zwinglio, a crença na presença real de Cristo na Santa Ceia não condiz com o credo professado pelos cristãos: “subiu ao céu e está assentado à direita de Deus Pai Todo Poderoso, de onde há de vir a julgar os vivos e os mortos”. Em sua concepção, ou se abandona a “falsa” doutrina da presença real do corpo de Cristo nesse sacramento ou se renunciam esses três artigos, o que para ele é inconcebível (KLEIN, 2005, p. 52).

Por essa razão, conforme assinala George (1993, p. 149), Zwinglio via Lutero como um protestante desejoso de voltar ao romantismo. Gonzalez (2004, p. 66), nesse aspecto, pontua que Lutero estava convencido de que os católicos romanos estavam mais próximos do sentido verdadeiro das Escrituras do que seus oponentes protestantes, daí sua declaração de que “antes comeria o corpo de Cristo com os papistas” e não com os entusiastas, fanáticos e “inimigos do Santo Sacramento” (LUTERO, 1993, p. 223).

Lutero (1993, p. 226, 227) acusava Zwinglio de modificar as palavras: “isto é o meu corpo” para “isto significa o meu corpo”. Para defender-se, Zwinglio afirmava que, se assim fosse o caso, faria o mesmo ao interpretar as mesmas palavras por “sob o pão está o corpo de Cristo” ou “no pão está o corpo de Cristo”. Lutero (1993, p. 227) rebate dizendo que os que assim crêem não podem ser condenados, pois com essa interpretação

estes confessam sua fé de que o corpo de Cristo está verdadeiramente na Santa Ceia.

Nessas poucas linhas, ressalta-se o clima acalorado entre os dois reformadores, o que resultou, no período de 1526 a 1529, em inúmeros ataques de Lutero contra Zwinglio e vice-versa. Nesse contexto, é que surge o pensamento de João Calvino que, segundo Matos (2008, p. 147), “procurou encontrar um meio-termo entre esses dois reformadores”.

A concepção de Calvino (2006, p. 141) concernente aos sacramentos pode ser lida nas seguintes palavras:

É um sinal exterior pelo qual o Senhor representa para nós e nos testifica a Sua boa vontade para conosco, para sustentar, confirmar e fortalecer a nossa fraca fé. [...] Não há sacramento sem promessa de salvação. Nunca. Todos os homens juntos não saberiam nem poderiam garantir coisa alguma quanto à nossa salvação. Logo, não podem, eles mesmos, ordenar nem planejar nenhum sacramento. Por isso a igreja cristã se satisfaz com estes dois [Batismo e Santa Ceia]. E não somente não admite nem aprova nem reconhece no presente, mas também não deseja nem espera jamais um terceiro, até a consumação do século.

Com base nessa definição, Gonzalez (2004, p. 168) comenta a preocupação de Calvino, que consistia em evitar as posições católico-romana e luterana, por um lado, e as teorias zwinglianas e anabatistas, por outro:

Contra Zwinglio e os Anabatistas, Calvino argumenta que os sacramentos são, de fato, eficazes. Negar tal eficácia, com base em que eles podem ser recebidos tanto por descrentes, quanto pelos fiéis, faria tanto sentido quanto negar o poder da Palavra, porque alguns a ouvem e não tentam para ela. [...] Por outro lado, aqueles que reivindicam que os sacramentos têm o poder de justificar e conceder graça também estão enganados. Seu engano consiste em confundir a “figura” do sacramento com a “verdade” contida nele.

Lecerf (2006, p. 228) adverte que a concepção adotada por Calvino contra o simbolismo zwingliano e a consubstanciação luterana foi primeiramente redigida por Bucer em 1530, na confissão de fé, posteriormente chamada Tetrapolita-

na, que afirma: “Cristo verdadeiramente dá seu verdadeiro corpo e sangue a comer e a beber para nutrição da alma”. Assim, para Calvino (2006, p. 16), a presença de Cristo na comunhão é real, porém espiritual. Para ele, não se tratava de um mero símbolo nem da descida do corpo de Cristo do céu.

Todavia, não devemos imaginar essa realidade nos termos sonhados pelos sofistas, como se o corpo de Cristo baixasse à mesa e ali se expusesse em presença local, para ser tocado com as mãos, mastigado com os dentes e engolido pela goela. [...] Ora, se vemos com os nossos próprios olhos que o Sol, brilhando sobre a terra, de alguma forma envia por seus raios a sua substância para gerar, nutrir e produzir os frutos dela, porque o fulgor e a irradiação do Espírito de Jesus Cristo seriam menos capazes de nos fazer chegar a comunicação da sua carne e do seu sangue? [...] Tal comunhão do seu corpo e do seu sangue testifica o Senhor na Ceia.

Chaunu (1975, p. 181) preconiza que a teologia de Calvino é o ponto de equilíbrio entre a visão luterana e zwingliana ao afirmar que esta é:

Uma teologia que conserva o essencial do mistério da presença, dá a sua dimensão ao memorial e se esforça por manter equilibrados os dois braços da cruz, durante a refeição eucarística: comungar, através do Espírito Santo, com Deus e com a Igreja unida.

A compreensão de Calvino (2006, p. 7-9) quanto à Santa Ceia é explicitada em suas próprias palavras:

[...] homens curiosos querem definir como o corpo de Jesus Cristo está presente no pão. Como se valesse a pena debater isso com tão grande contenda de palavras e de espírito! [...] Todavia, a fim de que numa tão grande diversidade de opiniões a única e segura verdade de Deus permaneça conosco, pensemos primeiramente que é de uma realidade espiritual que trata o sacramento, pelo qual o Senhor não pretende saciar nosso ventre, mas nossa alma. [...] Porque, quando vemos o pão que nos é apresentado como sinal do sacramento do corpo de Jesus Cristo, devemos imediatamente tomar essa figura ou semelhança

no sentido de que, assim como o pão nutre, sustenta e mantém a vida do nosso corpo assim também o corpo de Jesus Cristo é o alimento, a nutrição e a preservação da nossa vida espiritual. E, quando vemos o vinho que nos é oferecido como sinal do sangue de Jesus Cristo, somos levados a pensar no efeito e no proveitoso benefício do vinho para o corpo humano, fazendo-nos apreciar o que o sangue de Jesus Cristo efetua em nós e o proveito que nos dá espiritualmente. [...] se avaliarmos bem a bênção que é para nós o fato de que o corpo sacratíssimo de Jesus foi entregue e Seu sangue foi derramado por nós, veremos claramente que é muito próprio o que se atribui ao pão e ao vinho, nos termos desta analogia e símile.

À luz do que se discorreu anteriormente, George (1993, p. 149) pontua: “poderia muito bem ter-se encerrado como apenas outra tempestade teológica num copo d’água eclesiástico, não fosse pelas profundas implicações políticas da controvérsia”. Com base na afirmação de George, é relevante destacar as implicações sociorreligiosas dessa controvérsia nos dias da Reforma Protestante.

A Reforma Protestante se espalhava em vários pontos da Europa, e mesmo nos anos seguintes após a condenação de Lutero, o imperador Carlos V não pôde impedir o avanço do pensamento protestante nos territórios germânicos, é o que afirma George (1993, p. 149):

Os turcos estavam avançando para Viena, no Leste, enquanto Francisco I, da França, tratava guerra no Oeste; até mesmo o papa era abertamente hostil aos desígnios imperiais de Carlos. Até o final da década de 20, entretanto, a situação mudou drasticamente a favor do imperador: os turcos haviam sido detidos, Roma fora saqueada, o papa capturado e, até 1529, o rei da França chegara a um acordo com seu rival de Habsburgo. Carlos prometeu ação imediata contra os protestantes: “É bastante agradável à sua majestade imperial que um remédio adequado seja preparado para tratar dessa praga perigosa”.

Nesse contexto, a situação religiosa e política dos protestantes exigia uma união entre eles. Porém, “um obstáculo fundamental estava no caminho de tal aliança pan-protestante: a controvérsia eucarística” (GEORGE, 1993, p. 149). Foi

com a intenção de superar a controvérsia que o magistrado Filipe de Hesse organizou, em 1º a 4 de outubro de 1529, o colóquio de Marburgo no qual participaram Lutero e Zwinglio, além de teólogos e políticos de ambos os lados. Do colóquio foram levantados 15 pontos doutrinários e em 14 deles chegaram a um acordo, exceto no que se referia ao sentido e à eficácia da Ceia (GEORGE, 1993, p. 150). Gonzalez (1995, p. 96), ao comentar o encontro de Marburgo, afirma:

Em todo caso, não resta [sic] dúvidas de que a frase que se atribui a Lutero, no encontro de Marburgo, “não somos do mesmo espírito” refletia adequadamente a situação. A diferença entre os dois reformadores com respeito a ceia não era questão de detalhe sem importância, mas tinha a ver com o modo pelo qual os dois viam a relação entre a matéria e o espírito e, conseqüentemente, também com o modo pelo qual entendiam a revelação divina.

Na prática, a controvérsia em torno da Ceia continuou entre os protestantes. Os luteranos chamavam os zwinglianos de “sacramentarianos grosseiros” e os calvinistas de “sacramentarianos sutis” (LANE, 1999, p. 204), pois os zwinglianos, na concepção luterana, não entendiam corretamente os sacramentos, e os calvinistas, segundo entendiam, procuravam mediar a discussão, mas com pouco sucesso.

Em 1530, os protestantes luteranos e os demais acorreram à Dieta de Augsburg para prestar contas de sua fé diante do imperador Carlos V. Melancton, amigo mais íntimo de Lutero, redigiu uma confissão protestante de fé, conhecida como Confissão de Augsburg, fundamentada nos escritos de Lutero e que, em seu artigo X, ao tratar acerca da Santa Ceia, pontuava:

É ensinado entre nós que o verdadeiro corpo e sangue de Cristo estão realmente presentes na Ceia de nosso Senhor sob a forma de pão e vinho e são ali distribuídos e recebidos (LANE, 1999, p. 200-201).

Em 1540, Melancton publicou uma edição revisada dessa confissão, e a principal mudança ocorreu no artigo citado anteriormente, o qual passou a afirmar que “o corpo e o sangue de Cristo são verdadeiramente apresentados como

o pão e o vinho àqueles que tomam parte da Ceia do Senhor”. Lane (1999, p. 201) assinala que a reformulação desse artigo se aproximou da compreensão calvinista, o que agradou Calvino, mas aborreceu Lutero e alguns luteranos extremistas que viam Melancton como o traidor de Lutero.

Em 1549, o Consenso de Zurique uniu os zwinglianos e calvinistas, e prevaleceu o conceito de Santa Ceia preconizado por João Calvino. A aceitação desse conceito sobre a Ceia do Senhor ultrapassou o sul da Alemanha e outras regiões, e muitos acreditaram que o calvinismo suplantaria o luteranismo em toda a Alemanha, o que não ocorreu, como se percebe na história do cristianismo daquela região.

Em suma, após essa apresentação do panorama sobre *significado de Santa Ceia no pensamento de Lutero, Zwinglio e Calvino*, percebe-se que zwinglianos e calvinistas chegaram a um consenso quanto à Ceia, todavia ficou explicitado que essa controvérsia era um dos pontos fundamentais de dissensão entre os protestantes. Com base nessa verificação, foi relevante atentar para as implicações dessa dissensão no cristianismo atual, sobretudo entre algumas comunidades evangélicas, como será visto a seguir.

## 4. REPERCUSSÕES DA CONTROVÉRSIA DE LUTERO, ZWÍNGLIO E CALVINO CONCERNENTES À SANTA CEIA NAS IGREJAS DE CONFISSÃO LUTERANA, REFORMADA, PENTECOSTAL E NEOPENTECOSTAL

---

Na percepção das implicações da controvérsia de Lutero, Zwinglio e Calvino com relação à Ceia nas igrejas evangélicas da atualidade, recorreu-se à pesquisa de campo quantitativa (CHIZOTTI, 1995) exploratória, com a finalidade de “aumentar a familiaridade do pesquisador [...] para a realização de uma pesquisa [...] mais precisa e clarificar conceitos” (LAKATOS, 2003, p. 188).

Sendo assim, cinco igrejas locais de diferentes denominações<sup>1</sup> da capital paulistana foram selecionadas e serão identificadas por meio de suas respectivas instituições, com a finalidade de salvaguardar sua identidade local. Assim, compõem essa amostra: 1 Igreja Presbiteriana do Brasil, localizada na Zona Leste de São Paulo; 1 Igreja Luterana, localizada no Tremembé; 1 Igreja Batista localizada no bairro da Água Branca; 1 Igreja Pentecostal Assembléia de Deus, ministério Belém, localizada no bairro de Vila Zilda; 1 Igreja Evangélica Apostólica Renascer em Cristo, localizada no bairro do Tatuapé. Houve a preocupação em colher dados das confissões de fé, dos tratados e estatutos dessas comunidades com o objetivo de correlacionar suas crenças relativas à Santa Ceia com a interpretação dos reformadores Lutero, Zwínglio e Calvino.

**Tabela 1 – Dados gerais da pesquisa**

IGREJAS	DATA DA PESQUISA	MEMBROS QUE PARTICIPARAM
Igreja Presbiteriana do Brasil	17.7.2008	19 membros
Igreja Evangélica Luterana do Brasil	22.7.2008	15 membros
Igreja Batista	7.6.2008	94 membros
Igreja Assembléia de Deus – Ministério Belém	24.5.2008	46 membros
Igreja Evangélica Apostólica Renascer em Cristo	19.4.2008	77 membros

A coleta de dados, preservadas todas as formas de identificação, fundamentou-se nas seguintes questões dirigidas:

1. Para você o que é Santa Ceia?
  - a) Participação simbólica e memorial do corpo e do sangue de Cristo.

<sup>1</sup> Há que se ressaltar que a coleta de dados está restrita às igrejas locais das citadas denominações e assim pode não representar a compreensão doutrinária mais específica de suas respectivas instituições quanto ao assunto em pauta.

- b) Participação real do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual.
  - c) Participação literal do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual.
2. O que acontece com o pão e o vinho na hora da Santa Ceia?
- a) Transformam-se simbolicamente no corpo e no sangue de Cristo.
  - b) Transformam-se espiritualmente no corpo e no sangue de Cristo,
  - c) Transformam-se literalmente no corpo e no sangue de Cristo.
3. Cristo está presente na Ceia de que forma?
- a) Memorial.
  - b) Espiritual.
  - c) Literal.

**Tabela 2 – Resultados referentes à primeira pergunta**

IGREJA	1) PARA VOCÊ O QUE É SANTA CEIA?		
	Resposta “a”	Resposta “b”	Resposta “c”
Igreja Presbiteriana do Brasil	37%	63%	0%
Igreja Evangélica Luterana do Brasil	0%	13%	87%
Igreja Batista Brasileira	65%	29%	6%
Igreja Assembléia de Deus – Belém	70%	17%	13%
Igreja Renascer em Cristo	56%	31%	10%

Observa-se nessa amostra que 37% dos participantes da pesquisa da Igreja Presbiteriana do Brasil demonstraram que a Santa Ceia pode ser compreendida como participação simbólica e memorial do corpo e do sangue de Cristo, enquanto 63% pontuaram ser a Santa Ceia a participação real do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual. Há uma rejeição quanto à compreensão de que a Santa Ceia seja uma participação literal do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual.



A Igreja Luterana rejeita a interpretação simbólica e memorial, assim 13% dos participantes pontuaram crer na Santa Ceia como participação real do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual, e 87% pontuaram a participação literal do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual.

Dos participantes da Igreja Batista, 65% pontuaram que na Santa Ceia há participação simbólica e memorial do corpo e do sangue de Cristo; 29% assinalaram que na Santa Ceia há participação real do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual; e 6% compreendem que na Santa Ceia há participação literal do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual.

Dos participantes da Igreja Assembléia de Deus, 70% responderam que na Santa Ceia há participação simbólica e memorial do corpo e do sangue de Cristo; 17% assinalaram que na Santa Ceia há participação real do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual; e 13% compreendem que na Santa Ceia há participação literal do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual.

Dos participantes da Igreja Renascer em Cristo, 56% compreendem que na Santa Ceia há participação simbólica e memorial do corpo e do sangue de Cristo; 31% pontuaram que na Santa Ceia há participação do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual; e 10% assinalaram que na Santa Ceia há participação literal do corpo e do sangue de Cristo de forma espiritual.

**Tabela 3 – Resultados referentes à segunda pergunta**

IGREJA	2) O QUE ACONTECE COM O PÃO E O VINHO NA HORA DA SANTA CEIA?		
	Resposta “a”	Resposta “b”	Resposta “c”
Igreja Presbiteriana do Brasil	37%	63%	0%
Igreja Evangélica Luterana do Brasil	6%	27%	67%
Igreja Batista Brasileira	54%	42%	4%
Igreja Assembléia de Deus – Belém	63%	30%	7%
Igreja Renascer em Cristo	42%	53%	5%

Quanto à questão do que acontece com o pão e o vinho na hora da Santa Ceia, observa-se que os participantes da pesquisa da Igreja Presbiteriana do Brasil rejeitam a crença de que na hora da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam literalmente no corpo e no sangue de Cristo, assim 37% pontuaram que na hora da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam simbolicamente no corpo e no sangue de Cristo e 63% pontuaram que o pão e o vinho se transformam espiritualmente no corpo e no sangue de Cristo no momento da Santa Ceia.

Apenas 6% dos participantes da Igreja Luterana assinaram que no momento da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam simbolicamente no corpo e no sangue de Cristo, 27% acreditam que o pão e o vinho se transformam espiritualmente no corpo e no sangue de Cristo na hora da Santa Ceia, enquanto 67% compreendem que no momento da Santa Ceia o pão e o vinho transformam-se literalmente no corpo e no sangue de Cristo.

Dos participantes da Igreja Batista, 54% pontuaram que na hora da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam simbolicamente no corpo e no sangue de Cristo; 42% assinaram que o pão e o vinho se transformam espiritualmente no corpo e no sangue de Cristo na hora da Santa Ceia; e apenas 4% acreditam que no momento da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam literalmente no corpo e no sangue de Cristo.

Dos participantes da Igreja Assembléia de Deus, 63% responderam que na hora da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam simbolicamente no corpo e no sangue de Cristo; 30% compreendem que o pão e o vinho se transformam espiritualmente no corpo e no sangue de Cristo na hora da Santa Ceia; e 7% pontuaram que na hora da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam literalmente no corpo e no sangue de Cristo.

Dos participantes da Igreja Renascer, 42% responderam que na hora da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam simbolicamente no corpo e no sangue de Cristo; 53% assinaram que o pão e o vinho se transformam espiritualmente no corpo e no sangue de Cristo na hora da Santa Ceia; e apenas 5% concordam que no momento da Santa Ceia o pão e o vinho se transformam literalmente no corpo e no sangue de Cristo.

**Tabela 4 – Resultados referentes à terceira pergunta**

IGREJA	3) CRISTO ESTÁ PRESENTE NA CEIA DE QUE FORMA?		
	Resposta “a”	Resposta “b”	Resposta “c”
Igreja Presbiteriana do Brasil	21%	79%	0%
Igreja Evangélica Luterana do Brasil	13%	13%	74%
Igreja Batista Brasileira	12%	82%	6%
Igreja Assembléia de Deus – Belém	22%	72%	6%
Igreja Renascer em Cristo	11%	81%	8%

Como se pode observar na Tabela 4, os participantes da pesquisa da Igreja Presbiteriana do Brasil rejeitam a crença da presença literal de Cristo na Santa Ceia, assim 21% acreditam que Cristo, na Ceia, se faz presente de forma memorial e 79% assinalaram que no momento da Ceia Cristo está presente de forma espiritual.

Dos participantes da Igreja Luterana, 13% pontuaram que no momento da Santa Ceia Cristo se faz presente de forma memorial; 13% acreditam que Cristo na hora da Santa Ceia se faz presente de forma espiritual; enquanto 74% compreendem que Cristo se faz presente de forma literal na Santa Ceia.

Dos participantes da Igreja Batista, 12% pontuaram que na Santa Ceia Cristo se faz presente de forma memorial; 82% acreditam que Cristo se faz presente de forma espiritual na Santa Ceia; e apenas 6% acreditam que no momento da Santa Ceia Cristo se faz presente de forma literal.

Dos participantes da Igreja Assembléia de Deus, 22% responderam que na Santa Ceia Cristo se faz presente de maneira memorial; 72% compreendem que Cristo na hora da Santa Ceia se faz presente de forma espiritual; e 6% pontuaram que na Santa Ceia Cristo se faz presente de forma literal.

Dos participantes da Igreja Renascer em Cristo, 11% responderam que na Santa Ceia Cristo se faz presente de forma memorial; 81% assinalaram que Cristo na Santa Ceia se faz presente de forma espiritual, e 8% concordam que no momento da Santa Ceia Cristo se faz presente de forma literal.

Em suma, observou-se que na Igreja Presbiteriana prevalece o conceito de Calvino, porém com forte influência do conceito zwingliano e nenhuma aceitação do conceito luterano. Na

Igreja Luterana, a visão de Lutero prevalece de forma bastante significativa, com pequena influência da visão de Calvino e Zwinglio. Já nas igrejas Batista, Assembléia de Deus e Renascer em Cristo, observa-se que a grande maioria dos membros pesquisados aderem à interpretação zwingliana ao afirmarem que a Santa Ceia é a participação simbólica e memorial do corpo e do sangue de Cristo e que o pão e o vinho no momento da Ceia se transformam simbolicamente no corpo e no sangue de Cristo, no entanto afirmam que Cristo está presente na Ceia de forma espiritual e não apenas memorial. Percebe-se, também, que alguns membros apresentaram incoerência nas respostas dadas.

Com base no exposto, pode-se pontuar que, no cotidiano cristão, muitos fiéis ainda possuem dúvidas quanto ao significado e à importância da Santa Ceia para a vida cristã. A repercussão da controvérsia em questão não se ateve apenas ao século XVI, mas atravessou séculos de história, chegando à atualidade. Talvez, por isso, ainda haja afirmações como a do pastor luterano Wrasse (2007, p. 1):

É o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, para ser comido e bebido por nós cristãos sob o pão e o vinho. Instituído por Cristo mesmo [...]. Existem duas interpretações errôneas a respeito da doutrina da Santa Ceia. Os calvinistas ou igrejas reformadas (metodistas, presbiterianos, batistas, etc.) ensinam, apenas significar, representar ou simbolizar o pão da Santa Ceia o corpo e o vinho o sangue de Cristo [...] A igreja católica ensina, também erroneamente, ser o pão transformado ou transubstanciado [...].

Da afirmação de Wrasse se observa que há ecos da animosidade existentes entre os reformadores Lutero e Zwinglio, quando tratavam da Ceia, nas Igrejas da atualidade, pois conforme acentua Wrasse (2007, p. 1): “Existem duas interpretações errôneas a respeito da doutrina da Santa Ceia [...] os calvinistas ou igrejas reformadas [...] igreja católica”.

Da mesma forma, a concepção luterana quanto à presença de Cristo na Ceia também é rejeitada por algumas igrejas evangélicas atuais, como se pode verificar na *Confissão de fé de Westminster* (ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER, 2005, p. 221) adotada pelas igrejas reformadas, nas quais se percebe o conceito calvinista da Santa Ceia:

Os que comungam dignamente, participando exteriormente dos elementos visíveis deste sacramento, também recebem intimamente, pela fé, o Cristo crucificado, e todos os benefícios de sua morte, e deles se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas real, verdadeira e espiritualmente; não estando o corpo e o sangue de Cristo, corporal ou carnalmente nos elementos, pão e vinho, nem com eles ou sob eles, mas estão, espiritual e realmente, presentes à fé dos crentes nessa ordenança, como estão os próprios elementos em relação a seus sentidos corporais.

A Confissão de Fé anglicana (GRUDEM, 1999, p. 1004), chamada de “Os trinta e nove artigos da religião”, traz no artigo XXVIII, da Ceia do Senhor, a seguinte afirmação:

A Ceia do Senhor não só é um sinal de mútuo amor que os cristãos devem ter uns para com os outros; mas antes é um Sacramento da nossa Redenção pela morte de Cristo, de sorte que para os que devida e dignamente, e com fé o recebem, o Pão que partimos é uma participação do Corpo de Cristo; e o de igual modo o Cálice de Bênção é uma participação do Sangue de Cristo. [...] O corpo de Cristo é dado, tomado, e comido na Ceia, somente dum modo celeste e espiritual. E o meio pelo qual o corpo de Cristo é recebido e comido na Ceia é a Fé.

As igrejas evangélicas congregacionais do Brasil adotaram como síntese doutrinária os 28 artigos da “Breve exposição das doutrinas fundamentais do cristianismo” (CONGREGACIONAIS, 2007), lavrados pelo Dr. Robert Reid Kalley e aprovados em 2 de julho de 1876. O artigo 26 – Da Ceia do Senhor – afirma o seguinte:

Na Ceia do Senhor foi instituída pelo Senhor Jesus Cristo, o pão e o vinho representam vivamente ao coração do crente o corpo que foi morto e o sangue derramado no calvário; participar do pão e do vinho representa o fato de que a alma recebeu seu Salvador. O crente faz isso em memória do Senhor [...] (CONGREGACIONAIS, 2007).

Após pesquisas mais detalhadas, temos, no entanto, observado a forte influência da teologia eucarística zwingliana em grande parte das igrejas reformadas, pentecostais e neopentecostais.

Klein (2005, p. 262) apresenta em seu livro *Os sacramentos na tradição reformada* um capítulo dedicado à influência da teologia sacramental zwingliana em denominações presbiterianas brasileiras. Após uma pesquisa realizada nos principais seminários ligados a essas denominações, Klein (2005, p. 262) concluiu:

Uma certa bipolarização na concepção dos sacramentos parece fazer parte da mentalidade protestante brasileira, mesmo dos intelectuais. [...] A pesquisa de campo mostrou que a concepção sacramental zwingliana predomina fortemente no presbiterianismo brasileiro.

---

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que nos é apresentado, tornam-se evidentes “ecos” do cisma iniciado pela controvérsia entre os reformadores nas igrejas evangélicas da atualidade, percebemos, no entanto, que a Santa Ceia deixou de ser tema central nestas. Além da indecisão e incoerência apresentadas nas respostas dadas à pesquisa feita, podemos também ter como base para essa afirmação a acentuada migração dos evangélicos para as mais variadas denominações.

Rezende (2007, p. 10) comenta a respeito da mobilidade religiosa no Brasil, com base na pesquisa realizada pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (Ceris) em 2004, segundo o qual, entre os evangélicos históricos<sup>2</sup> que migraram de suas igrejas, 21,3% continuaram em outras denominações evangélicas históricas, enquanto 50,7% destes migraram para igrejas evangélicas pentecostais<sup>3</sup>. Em se tratando dos evangélicos pentecostais que migraram de suas igrejas, 40,8% continuaram em outras denominações pentecostais e 40,2% migraram para o evangelismo histórico. Com relação à visão de

---

<sup>2</sup> O Ceris considera como Evangélico Histórico as seguintes denominações: Adventista do 7º dia, Batista, Presbiteriana e Luterana.

<sup>3</sup> O Ceris considera como Evangélico Pentecostal as seguintes denominações: Assembléia de Deus, Cristã do Brasil, Deus é Amor, Quadrangular, Internacional da Graça de Deus, Universal do Reino de Deus, O Brasil para Cristo e Pentecostal.

Santa Ceia, a impressão que temos é que tanto faz para o cristão evangélico ser de qualquer denominação, até mesmo porque a Santa Ceia tornou-se um assunto tão pouco pregado na atualidade, e para muitos ela é vista como um simples ritual.

## REFERÊNCIAS

---

ANTIOQUIA, I. de. *Cartas de Inácio de Antioquia*. Petrópolis: Vozes, 1984.

ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER. *Confissão de fé de Westminster*. 17. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

BERARDINO, Â. *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERKHOF, L. *Teologia sistemática*. Campinas: Luz para o Caminho Publicações, 1990.

BERKHOF, L. *A história das doutrinas cristãs*. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CALVINO, J. *As institutas*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 3-4.

CHAUNU, P. *O tempo das Reformas (1250-1550)*: II. A Reforma Protestante. Lisboa: Edições 70, 1975.

CHIZOTTI, A. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

DOUGLAS, J. D. *O novo dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ERICHSON, M. J. *Introdução à teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERREIRA, F. *Agostinho de A a Z*. São Paulo: Vida, 2006a.

\_\_\_\_\_. *Gigantes da fé*: espiritualidade e teologia na igreja cristã. São Paulo: Vida, 2006b.

FISHER, R. H. Comentário no livro de Lutero. In: LUTERO, M. *Obras selecionadas* – debates e controvérsias. São Leopoldo: Sinodal, 1992. v. 3.

GEORGE, T. *Teologia dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GONZALEZ, J. L. *Uma história ilustrada do cristianismo: a era dos reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1995. v. 6.

\_\_\_\_\_. *Uma história do pensamento cristão: da Reforma Protestante ao século 20*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. v. 3.

GRUDEM, W. *Teologia sistemática atual e exaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

JUSTINO, M. *Justino de Roma*. São Paulo: Paulus, 1995.

KLEIN, C. J. *Os sacramentos na tradição reformada*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

LANE, T. *Pensamento cristão: dos primórdios à Idade Média*. São Paulo: Editora Abba Press, 1999. v. 1

LECERF, A. Comentário no livro de Calvino: In: CALVINO, J. *As institutas*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. v. 3-4.

LIENHARD, M. *Martim Lutero – Tempo, vida, mensagem*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

LUTERO, M. *Catecismo menor*. Porto Alegre: Concórdia, 1967.

\_\_\_\_\_. *Obras selecionadas – Os primórdios escritos de 1517 a 1519*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. v. 1

\_\_\_\_\_. *Obras selecionadas – O programa da Reforma, escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal, 1989. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Obras selecionadas – debates e controvérsias*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. v. 3.

\_\_\_\_\_. *Obras selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal, 1993.



MATOS, A. S. de. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

MILÃO, A. de. *Ambrósio de Milão*. São Paulo: Paulus, 1996.

REZENDE, E. R. O. Marketing *religioso*: como os conceitos de *marketing* estão inseridos na cultura religiosa das igrejas cristãs pertencentes à sociedade brasileira. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.

TILLICH, P. *História do pensamento cristão*. 4. ed. São Paulo: Aste, 2007.

WOORTMANN, K. *Religião e ciência no Renascimento*. Brasília: Editora da UnB, 1997.

WRASSE. R. H. *A Santa Ceia*. Disponível em: <[http://csst.rct-sc.br/~romualdo/dout\\_sc.htm](http://csst.rct-sc.br/~romualdo/dout_sc.htm)>. Acesso em: 3 maio 2007.

## SITES

---

LUTERANOS. *Site oficial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)*. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br>>. Acesso em: 18 set. 2007.

CONGREGACIONAIS. *Site oficial da Igreja Congregacional do Brasil*. Disponível em: <<http://www.igrejacongregacional.com.br>>. Acesso em: 18 set. 2007.